





# CONFISSÕES DE MINAS

COLEÇÃO CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE  
CONSELHO EDITORIAL

Antonio Carlos Secchin

Davi Arrigucci Jr.

Eucanaã Ferraz

Samuel Titan Jr.

**CARLOS DRUMMOND  
DE ANDRADE**  
CONFISSÕES DE MINAS

POSFÁCIO

Milton Ohata

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond  
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA

Raul Loureiro  
Sobre foto de Acervo Chichico Alkmim/  
Instituto Moreira Salles

FOTO DO AUTOR

Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa/  
Arquivo Museu de Literatura Brasileira/  
Fundo Carlos Drummond de Andrade.  
Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

PREPARAÇÃO

Leny Cordeiro

REVISÃO

Huendel Viana  
Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Confissões de Minas/ Carlos Drummond de Andrade;  
posfácio Milton Ohata — 1ª ed. — São Paulo: Companhia  
das Letras, 2020.

ISBN 978-85-359-3342-0

I. Crônicas brasileiras I. Título.

20-34422

CDD-B869.8

Índice para catálogo sistemático:

I. Crônicas: Literatura brasileira B869.8

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

## Sumário

- 13 *Escrevo estas linhas*

### TRÊS POETAS ROMÂNTICOS

- 19 Fagundes Varela, solitário imperfeito  
30 No jardim público de Casimiro  
37 O sorriso de Gonçalves Dias

### NA RUA, COM OS HOMENS

- 47 Recordação de Alberto Campos  
51 Dois poetas mortos de Minas Gerais  
56 Pessimismo de Abgar Renault  
59 O secreto Emílio Moura  
62 Segredo e atualidade de Schmidt  
64 Autobiografia para uma revista  
66 Suas cartas  
80 Estive em casa de Candinho  
83 Poesia e utilidade de Simões dos Reis  
87 Morte de Federico García Lorca  
92 Mauriac e Teresa Desqueyroux  
96 Boadella entre elefantes  
99 O simpático William Berrien

### CONFISSÕES DE MINAS

- 105 Vila de Utopia  
113 Viagem de Sabará  
123 Teatro daquele tempo

### QUASE HISTÓRIAS

- 129 Conversa de velho com criança  
134 Lembro-me de um padre  
138 Leonor, Emília, Marieta  
140 Morreu um chofer

- 144 Um escritor nasce e morre  
150 Esboço de uma casa

CADERNO DE NOTAS

- 157 Purgação  
158 Poesia do tempo  
159 Velha casa  
160 Literatura infantil  
161 Morte de um gordo  
163 Religião e poesia  
164 Questão de corpo  
165 O livro inútil  
166 Ternura diante do retrato  
168 Linguagem  
169 Bondade  
171 Neblina  
172 Georgina  
174 Pontuação e poesia  
175 Um sinal  
177 A coisa simples  
178 Nu artístico  
179 Moda literária  
180 Prodígio  
182 Enquanto descíamos o rio  
184 A voz pelo telefone  
185 Vinte livros na ilha  
189 Natal USA, 1931  
191 Enterro na rua pobre  
193 Os fotógrafos vegetais  
195 Número 10 mil  
197 A rua assombrada  
198 Canto de Natal no bonde  
201 O cotovelo dói



|     |                        |
|-----|------------------------|
| 205 | Posfácio               |
|     | <i>Um livro único,</i> |
|     | MILTON OHATA           |
| 223 | Leituras recomendadas  |
| 225 | Notas de edição        |
| 243 | Cronologia             |
| 249 | Índice onomástico      |



# **CONFISSÕES DE MINAS**



Escrevo estas linhas em agosto de 1943, depois da batalha de Stalingrado e da queda de Mussolini. Meu livro vai para o linotipista. Não quis que se compusesse sem acrescentar-lhe algumas palavras, menos de explicação ou desculpa do que de exame da conduta literária diante da vida.

É um livro de prosa, assinado por quem preferiu quase sempre exprimir-se em poesia. Esse suposto poeta não desdenha a prosa, antes a respeita a ponto de furtar-se a cultivá-la. Seria inútil repisar o confronto das duas formas de expressão, para atribuir superioridade a uma delas. Mas a verdade é que se a poesia é a linguagem de certos instantes, e sem dúvida os mais densos e importantes da existência, a prosa é a linguagem de todos os instantes, e há uma necessidade humana de que não somente se faça boa prosa como também de que nela se incorpore o tempo, e com isto se salve esse último.

Não há muitos prosadores, entre nós, que tenham consciência do tempo, e saibam transformá-lo em matéria literária. Frequentemente a literatura se faz à margem do tempo ou contra ele — seja por incapacidade de apreensão, covardia ou cálculo. Daí o vazio e o desconforto do texto literário, como a insatisfação que ele desperta em cada vez mais descrentes leitores. E pouco importa que haja muitos leitores, uma vez que não amem o autor nem se confessem devedores de alguma coisa tirada ao livro.

Este livro começa em 1932, quando Hitler era candidato (derrotado) a presidente de República e termina em 1943, com o mundo submetido a um processo de transformação pelo fogo. Os que tiveram a sorte de viver em tal período serão bem mesquinhos se se embriagarem com a vaidade do espectador de um drama exemplar ou com a do passageiro do transatlântico de luxo. Eles próprios terão de confessar-se transformados, mais sérios e esclarecidos, mais determinados quanto aos problemas

fundamentais do indivíduo e da coletividade. Não lhes bastará fazer uso contínuo da palavra “cultura” ou da palavra “justiça”, mas antes devem contribuir com tudo o que tenham de bom para que essas palavras assumam o seu conteúdo verdadeiro ou, então, sejam varridas do dicionário.

Declaro honestamente que falta a meu livro isso que para mim, neste domingo de agosto, é o mais precioso de tudo: falta-lhe o tempo, com suas definições. As páginas foram-se escrevendo mais para contar ou consolar o indivíduo das Minas Gerais, e dizem bem pouco das relações desse indivíduo com o formidável período histórico em que lhe é dado viver. Mesmo assim, não as desprezo. Dou-as como um depoimento negativo, indicando aos mais novos que devem formular depoimentos positivos, autênticos e até mesmo impiedosos, se for o caso.

Já não tenho medo de escravizar-me à vida, e acho que uma sutileza que não resista à prova da convivência mais larga é apenas um vício. E digo aos rapazes: Rapazes, se querem que a literatura tenha algum préstimo no mundo de amanhã (o mundo melhor que, como todas as utopias, avança inexoravelmente), reformem o conceito de literatura. Já não é possível viver no clima das obras-primas fulgurantes e... podres, e legar ao futuro apenas esse saldo dos séculos. Reformem a própria capacidade de admirar e de imitar, inventem olhos novos ou novas maneiras de olhar, para merecerem o espetáculo novo de que estão participando. Se lhes disserem que nada disso é novo e que já houve guerras, e depois armistícios e depois outras guerras etc. etc., não levem a sério essa falsa experiência histórica, que impede qualquer melhoria da história. Se tudo foi dito, então o remédio é o suicídio sob qualquer de suas formas, inclusive a do beato e precário contentamento de existir na época do rádio e das roupas de vidro. Prefiro acreditar que nada foi feito nem escrito nem descoberto. Que estamos começando a nascer, e que os gênios nacionais e estrangeiros não foram ainda inventados. Porque antes negá-los todos do que viver esmagado por eles, e como pesam!, de todo o peso da aceitação e da facilidade.

Não estou pois dentro deste livro de retalhos, e sim fora dele. Mas sinto que foi um caminho pelo qual cheguei a uma

excelente cidade, de ruas largas e populosas. Ele abriu minhas gavetas secretas. Libertou-me de alguns fantasmas particulares. Agiu. Hoje não escreveria quase nada do que aí se contém, mas por isso mesmo a sensação de desprendimento e liberdade é maior. Vamos andando.





## TRÊS POETAS ROMÂNTICOS



## FAGUNDES VARELA, SOLITÁRIO IMPERFEITO

*Minha casa é deserta; na frente  
Brotam plantas bravias do chão,  
Nas paredes limosas — o cardo —  
Ergue a frente silente ao tufão.*

\*

*De deserto em deserto se acampando  
Os pastores da Arábia a vida passam;  
Como eles vagabundo, — eivado o seio,  
De dor em dor com vagarosos passos  
Atravesso os desertos da existência!*

\*

*Minh'alma é como o deserto  
De dúbia areia coberto,  
Batido pelo tufão;  
É como a rocha isolada  
Pelas espumas banhada,  
— Dos mares na solidão. —*

De quem parte esta voz desanimada? Certamente de um velho, e velho não somente por ter vivido muitos anos, mas por ter experimentado todas as dores e ruindades da vida? De um eremita, como os há tantos, sem fé, e que trocando o século pelo recolhimento se sentiu mais vazio do que antes? Nada disto. O poeta que assim se declara sozinho no mundo e se compara a uma paisagem áspera tem vinte anos, nasceu em terra fértil e tempo áureo: o tempo da aristocracia do café e da cana-de-açúcar. Seu pai é bacharel em direito. As biografias são parcas